AS GÊNESES DA EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

THE ORIGINS OF SCHOOL DROPOUT IN HIGH SCHOOL

Jennifer de La Vega[1], Mariana Rocha Valpassos[1], Maria Luiza Resende de Oliveira[1], Cristiane Aguiar Freitas[1], Adriane da Silva Pereira[2] e Matheus Rodrigues Maette Bento[1] mmaette@hotmail.com

[1] Graduando do curso de Psicologia da Afya Unigranrio – Barra da Tijuca

[2] Professor do curso de Psicologia da Afya Unigranrio

Eixo Temático: 6

RESUMO

O presente trabalho aborda as gêneses da evasão escolar no ensino médio, compreendendo esse fenômeno como resultado de fatores históricos, sociais, econômicos e educacionais que ultrapassam a dimensão individual. A pesquisa teve como objetivo analisar como desigualdades estruturais influenciam o abandono escolar, destacando aspectos relacionados à vulnerabilidade socioeconômica, às diferenças de gênero e raça, bem como às limitações do próprio sistema educacional brasileiro. Fundamentado nas contribuições teóricas de Paulo Freire e em estudos contemporâneos sobre educação e desigualdade social, o estudo adotou metodologia qualitativa, exploratória e descritiva, baseada em levantamento bibliográfico, análise documental e intervenções educativas realizadas em ambientes acadêmicos e espaços de trabalho. Os resultados evidenciam que fatores como necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, insegurança alimentar, dificuldades de aprendizagem, ausência de identificação com o ambiente escolar e desigualdades raciais e de gênero contribuem significativamente para o afastamento progressivo dos estudantes da escola. Além disso, foram discutidos programas de reinserção educacional, como EJA e ENCCEJA, bem como políticas públicas de permanência escolar, destacando seus avanços e limitações. Conclui-se que o enfrentamento da evasão escolar exige ações intersetoriais e políticas públicas voltadas não apenas ao acesso, mas também à permanência e à qualidade da educação, promovendo inclusão, equidade e transformação social.

Palavras-chave: evasão escolar; ensino médio; desigualdade social; permanência escolar; educação.

ABSTRACT

This study addresses the origins of high school dropout, viewing the phenomenon as the result of historical, social, economic, and educational factors that extend beyond the individual level. The research aimed to analyze how structural inequalities influence school dropout, highlighting aspects related to socioeconomic vulnerability, gender and racial disparities, and the limitations of the Brazilian educational system itself. Grounded in the theoretical contributions of Paulo Freire and contemporary studies on education and social inequality, the study employed a qualitative, exploratory, and descriptive methodology based on a literature review, document analysis, and educational interventions conducted in academic and workplace settings. The results demonstrate that factors such as the need for early entry into the labor market, food insecurity, learning difficulties, a lack of identification with the school environment, and racial and gender inequalities contribute significantly to students' progressive disengagement from school. Furthermore, the study discusses educational reintegration programs – such as EJA and ENCCEJA – and public policies aimed at school retention, highlighting their progress and limitations. It concludes that addressing school dropout requires intersectoral actions and public policies focused not only on access but also on retention and educational quality, thereby promoting inclusion, equity, and social transformation.

Keywords: school dropout; high school; social inequality; school retention; education.

INTRODUÇÃO

A evasão escolar no ensino médio constitui um dos maiores desafios da educação brasileira, refletindo desigualdades históricas, sociais e econômicas que ultrapassam a dimensão individual. O abandono dos estudos não pode ser compreendido como uma simples escolha pessoal, mas como resultado de pressões estruturais que fragilizam o vínculo dos jovens com a escola. A necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, a insegurança alimentar e a ausência de suporte social revelam como a sobrevivência imediata muitas vezes se sobrepõe ao direito à educação (1).

Paulo Freire destaca que a educação deve ser prática de liberdade, contrapondo-se a modelos verticalizados que silenciam sujeitos e desconsideram suas experiências de vida. Quando a escola não dialoga com as realidades culturais e socioeconômicas dos estudantes, o processo de aprendizagem perde sentido e reforça desigualdades já existentes. A evasão escolar emerge como expressão de exclusão social, marcada por tensões entre acesso, permanência e qualidade da educação. A democratização do ingresso, sem políticas eficazes de permanência, resulta em um sistema que naturaliza a desigualdade e perpetua a marginalização de determinados grupos (2).

Os impactos da evasão escolar vão além do ambiente educacional, atingindo dimensões profissionais, financeiras e psicológicas. Jovens que abandonam os estudos enfrentam maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, permanecem em

ocupações de baixa remuneração e vivenciam limitações em seu desenvolvimento humano. Programas como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) surgem como alternativas de reinserção, mas ainda enfrentam problemas estruturais, como falta de divulgação, logística precária e baixa valorização social.

Assim, compreender a evasão escolar implica reconhecer que se trata de um fenômeno estrutural, atravessado por desigualdades de gênero, raça e classe. Enquanto os homens abandonam mais frequentemente os estudos devido à necessidade de trabalhar, as mulheres enfrentam barreiras relacionadas à sobrecarga de responsabilidades domésticas e maternidade precoce. Da mesma forma, jovens pretos e pardos apresentam maiores índices de evasão, reflexo do racismo estrutural que limita suas oportunidades educacionais. O enfrentamento desse problema exige ações intersetoriais, capazes de articular políticas de assistência social, programas de permanência escolar e práticas pedagógicas inclusivas, promovendo cidadania e equidade.

MÉTODO

A metodologia adotada no projeto "AS GÊNESES DA EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO" combina abordagens qualitativa, exploratória e descritiva, com o objetivo de compreender como a evasão escolar tem fator social e histórico, e como essa construção impacta a vivência da população brasileira em diferentes contextos.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de levantamento teórico e de programas do governo que contribuem para a volta aos estudos, com foco na produção de conhecimento crítico e na aplicação prática por meio de intervenções educativas para essas populações. O universo da pesquisa abrangeu tanto o ambiente acadêmico quanto espaços de trabalho, como clínicas de saúde e instituições privadas, onde foram realizadas ações de conversas e distribuição de material educativo e instrucional em forma de cartilha.

Os dados foram coletados por meio de leitura e análise de textos acadêmicos, relatórios, documentários e registros históricos, além da produção de material educativo como cartilhas. As intervenções realizadas em espaços como a Clínica Escola da Unigranrio, a unidade de rede de restaurantes Patroni localizada no Park Shopping Jacarepaguá, e outras lojas do ramo alimentício no mesmo shopping, permitiram observar a recepção do público e os efeitos das ações propostas.

RESULTADOS

A evasão expressa as tensões pertencentes ao desenvolvimento dos sistemas educacionais, visto que a educação não é um simples bem livre, mas um recurso socialmente disputado entre classes, sendo sua expansão e organização resultado de correlações de forças historicamente estabelecidas (1).

Esse fenômeno permanece como um dos principais desafios da educação brasileira, especialmente quando se analisa a realidade dos estudantes em situação de vulnerabilidade social. Fatores socioeconômicos exercem forte influência sobre o abandono dos estudos, dificultando a conclusão da educação básica e ampliando desigualdades sociais já existentes (1).

A relação entre exclusão social e sentimento de não pertencimento escolar atua como um instrumento de opressão que anula a cultura do sujeito. Nela, adolescentes críticos são considerados rebeldes por não perceberem a escola como um espaço acolhedor ou como um caminho real de transformação de vida. Quando o ambiente escolar não dialoga com suas realidades, experiências e necessidades concretas, o vínculo com a aprendizagem enfraquece, o que evidencia a necessidade de uma abordagem pedagógica individualizada (2).

A modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se destina àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade adequada – uma política de educação ao longo da vida. Ela surgiu como resposta à necessidade de ampliar oportunidades educacionais, com a justificativa de incentivo ao retorno escolar, para quem não finalizou a educação básica no tempo normal. Uma política complementar para evitar abandono e combate à venda de diplomas por escolas privadas de EJA (3).

Sua maior procura é para conclusão do Ensino Médio (mais de 80% dos inscritos entre 2017–2023), em 2019 houve pico de 2,9 milhões de inscrições, pré-pandemia, mas em 2023 caiu para 1,1 milhão. Um grande desafio é devido à falta de divulgação adequada, especialmente em áreas rurais e periféricas urbanas, não alcançando o maior potencial de inclusão a educação, reflexo de uma deficiência na comunicação e baixas campanhas de informações apropriadas do exame, sendo necessário campanhas de conscientização de empresas e instituições para aumentar o valor de mercado desta certificação – que é baixo (3).

Ao analisar o recorte por gênero, observa-se que as mulheres apresentam, de forma consistente, melhores indicadores educacionais do que os homens. A escolaridade média feminina é de 10,3 anos, enquanto a masculina é de 9,9 anos. Da mesma forma,

57,8% das mulheres com 25 anos ou mais concluíram ao menos a educação básica obrigatória, em comparação a 54,0% dos homens. A taxa de analfabetismo também é menor entre as mulheres (5,0%) do que entre os homens (5,6%) (4).

No que se refere ao recorte racial, as desigualdades são ainda mais acentuadas. A escolaridade média das pessoas brancas é de 11,0 anos de estudo, enquanto entre pessoas pretas ou pardas esse número é de 9,4 anos, uma diferença significativa de 1,6 ano. A taxa de analfabetismo também evidencia essa disparidade: 3,1% entre pessoas brancas e 6,9% entre pessoas pretas ou pardas com 15 anos ou mais (4).

Por consequência, gera-se uma evasão escolar impulsionada pela necessidade de sobrevivência e pelo ingresso precoce no mercado de trabalho devido à vulnerabilidade social. Futuramente, esse mesmo mercado passa a exigir melhor qualificação para uma remuneração superior, acarretando uma urgência por capacitação educacional, capital cultural e diplomas. Como se não bastassem a precarização da mão de obra, os baixos salários e o tempo reduzido pela jornada de trabalho, o sujeito agora precisa atender a uma nova demanda do mercado – que atravessou sua trajetória acadêmica inicial e continua modulando sua vida atual com moldes pré-definidos do que ele precisa saber e fazer (2).

CONCLUSÃO

A evasão escolar no ensino médio, conforme analisada neste projeto, revela-se como um fenômeno estrutural e multifacetado, que ultrapassa a esfera das escolhas individuais e se insere em um contexto marcado por desigualdades históricas, socioeconômicas e educacionais. A partir da revisão teórica de Paulo Freire, observa-se que o sistema educacional brasileiro, embora tenha ampliado o acesso, ainda não garante a permanência e a qualidade da aprendizagem, perpetuando processos de exclusão.

Os fatores socioeconômicos se destacam como determinantes centrais da evasão, uma vez que muitos jovens precisam conciliar estudo e trabalho, enfrentam insegurança alimentar, ausência de infraestrutura adequada, dificuldades de transporte e um ensino que não é pensado para sua população. Esses elementos fragilizam o vínculo com a escola e intensificam o risco de abandono. Nesse cenário, programas como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) surgem como alternativas de reinserção, mas enfrentam desafios

estruturais, como baixa divulgação, logística precária e desvalorização institucional, o que limita seu alcance e efetividade.

As análises de gênero e raça reforçam a complexidade do fenômeno. Os homens apresentam maior incidência de evasão, sobretudo pela necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, enquanto as mulheres enfrentam obstáculos maiores. No recorte racial, pessoas pretas e pardas apresentam menores índices de escolaridade, maiores taxas de analfabetismo e menor conclusão da educação básica em comparação às pessoas brancas, revelando desigualdades persistentes e estruturais.

As consequências da evasão escolar são profundas, atingindo não apenas a trajetória acadêmica, mas também a inserção profissional, financeira e social dos indivíduos, dando continuidade aos ciclos de exclusão e a desigualdade. O enfrentamento da evasão escolar exige uma abordagem crítica e interseccional, que considere simultaneamente os fatores socioeconômicos, de gênero e de raça. É imprescindível investir em políticas públicas de permanência, fortalecer programas de reinserção como EJA e ENCCEJA para, assim, promover uma educação transformadora.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira JAM, Magrone E. Evasão escolar: apreensões e compreensões em contexto adverso. Rev Labor. 2021;1(26):11-32. doi:10.29148/labor.v1i26.72014

2. Sharma P. Dialogic Pedagogy: Education for Social Justice (A Book Review of Pedagogy of the Oppressed by Paulo Freire). Bon Voyage: A Peer-Reviewed Journal of English Studies. 2025;7(1):102-9. doi:10.3126/bovo.v7i1.83770

3. Almeida VS, Justino R. O ENCCEJA e o ENEM: o Exame Nacional do Ensino Médio como ferramenta para certificação do Ensino Médio. Saberes

4. Interdisciplinares [Internet]. 2020 [citado 27 de abril de 2026];(25):11-22. Disponível em: https://saberesinterdisciplinares.unifacip.edu.br/index.php/saberes/article/view/642

5. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Indicadores educacionais avançam em 2024, mas atraso escolar aumenta. Agência de Notícias IBGE [Internet]. 13 de junho de 2025 [citado 27 de abril de 2026]. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43699-indicadores-educacionais-avancam-em-2024-mas-atraso-escolar-aumenta